

Os irmãos “mitológicos” Kuaray (Sol), Djatchy (Lua), Kamē e Kanhru: narrativas ancestrais, memórias vivas e os significados para além dos conceitos e a cosmologia feminina

The “mythological” brothers Kuaray (Sun), Djatchy (Moon), Kamē and Kanhru: ancestral narratives, living memories and meanings beyond concepts and female cosmology

Djoapy “mitológicos” Kuaray aegui Djatchy a’e Kamē aegui Kanhru: nhemombe’u yma gua arandu rupi aegui kunhangue mba’e djeupity rupi

Kuaray Mré Tdjachy tu vāme: ũ tātá gag kajró, mré rānhrāj kǵ vēnh kajrān fā

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi*

Gennis Martins Timóteo**

Jéssica Lícia da Assumpção***

Palavras-chave:

Irmãos Mitológicos Guarani e Kaingang
Kuaray (Sol), Djatchy (Lua)
Kamē e Kanhru

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar as histórias ancestrais e memórias vivas do povo Kaingang e do povo Guarani a partir das narrativas dos irmãos “mitológicos”: Kamē e Kanhru (Kaingang) e do Kuaray/Sol e Djatchy/Lua (Guarani) que ultrapassam os significados conceituais e que também fala da cosmologia feminina indígena. As histórias de Kuaray, Djatchy, Kamē e Kanhru trazem os elementos e a representação do Sol e Lua e contém ensinamentos que permeiam a construção do ser indígena, incluindo o sagrado feminino. O intuito também é desmistificar o termo mito e mitologia para se compreender o significado e a importância que essas histórias têm para os povos indígenas que eles compartilham e transmitem conhecimentos para o entorno da construção da subjetividade e identidade. São histórias que partem do passado ancestral, mas que trazem ensinamentos culturais para os dias atuais.

Keywords:

Guarani and Kaingang
mythological brothers
Kuaray (Sun), Djatchy
(Moon)
Kamē and Kanhru

Abstract: This article aims to present the ancestral stories and living memories of the Kaingang and Guarani people, based on the narratives of the “mythological” brothers: Kamē and Kanhru (Kaingang) and Kuaray/Sun and Djatchy/Moon (Guarani), which go beyond conceptual meanings and also speak of indigenous feminine cosmology. The stories of Kuaray, Djatchy, Kamē and Kanhru bring the elements and representation of the Sun and Moon and contain teachings that permeate the construction of the indigenous being, including the sacred feminine. The aim is also to demystify the term myth and mythology

* Professora da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, no Departamento de História, atua principalmente no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Coordenadora do Laboratório de História Indígena (LABHIN/UFSC) e colabora com a revista fagtar (a força delas). É membro da Cátedra Antonieta de Barros: educação para a igualdade racial e combate ao racismo (UNESCO). Graduada em Licenciatura Indígena pela UFSC, também é graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela FAEL, graduada em História. Mestre em Antropologia Social pela UFSC, doutora em História também pela UFSC. E-mail: adriana कांग51@gmail.com.

** Doutoranda em Antropologia Social, mestre em Antropologia Social, formada na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina (turma 2/ 2016-2020), com ênfase em história e cultura indígena. Diretora da Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá e moradora da Terra Indígena M’biguaçu, Biguaçu/ Santa Catarina. E-mail: gennismtimoteo@gmail.com.

*** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestre em História, Licenciada e Bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena e Licenciada em Pedagogia (UNINTER) e bolsista Capes. Integrante do grupo de estudos Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC/UFSC) e do Laboratório de História Indígena (LABHIN/UFSC). E-mail: jessica_lucia@hotmail.com.

in order to understand the meaning and importance of these stories for indigenous peoples, which they share and pass on to others in the construction of subjectivity and identity. These are stories that come from the ancestral past, but which bring cultural teachings to the present day.

Ayu rapyta:

Djoapy mitológico guarani
aegui kaingang
Kuaray aegui Djatchy
Kamē aegui Kanhru

Mbopará: Kova'e nhembo pará ma ogueru oetchauka awā yma ikuai va'e arandu regua Guarani py aegui Kaingang py koo ayu rapyta rupi idjau wa'e kue guvyv rewe gua "mitologia": Kame aegui Kanhru (Kaingang) aegui Kuaray aegui Djatchy (Guarani) ae rire ma oguerenonde dju ayu djetchauká kunhangue arandu mby'a guatchu regua. Kuaray aegui Djatchy, Kame aegui Kanhru monkoi we djorami gua ra'e arandu rekoá meme'i djoguereko, kunhangue mba'e kuaa rerekoá te woi. oo arandu ma nhenbome'u raka'e ima guivema wa'e ma. kova'e ma ogueru katu djaikuaa wā mba'e pa mito aegui mitologia mba'e tu oetchauka ta nhandevy kuery pe. Oo ayu nhembombe'u ma yma gua kuery arandu rupiguá gui onhembopara wa'e kue ma ayn nhande kuai wa'e kuery pawe pe dju omboatcha koo ayu arandu reko regua.

Vênh rá:

Jévy kamē, kajru
kafā kuaray
tdjachy

Váme sí: Rânhrāj tag vỹ tỹ ěg tỹ Kanhgág tỹ tu Ó kej fā ěn tu ke nĩ, kar Guarani ag tũ to vāme vỹ gé. Kanhru mré kamē to vāminmén ge, kar Guarani tỹ rā (kuaray) kar kysē (tdjachy) ag to Ó ěn ge fi já fā to ke vỹ gé, tag hā jagfỹ ěg tỹ ũ tát fag tu vāmén mỹ, fag kírĩr ge tugtó jé, nén ũ tỹ kanhkā tá nýtĩ fā tag ag ve kỹ gufā tỹ ũn kar kajrán sór já fā já nĩ. Hāma inh sỹ to vāmén sór mũ ser. Fóg ag mỹ tỹ vênh ón ěn ge já fā já nĩ kỹ, tag ti, hāra pi ke nỹ, mỹr ěg kar mỹ tỹ há tavĩ nĩ, mỹr ěg tỹ nón kajrán fā vỹ, ha ma ser tu vāme sag mũ, sa fóg mỹ ge vỹ ke jé. ěg tũ pē vỹ, ěg krē kar tỹ nón kajrán ja gufā tỹ fi kar mũ ja vỹ, gĩr tỹ mugmog mỹr vênh su kigra nýtĩ jé, tỹ kanhgág sa nĩ, kej ke, ěn to. Vāsa ke to vāme kar Ó mĩgměj vỹ uri ěg kar kajránrán tí ver.¹

Recebido em 1º de março de 2025. Aprovado em 29 de abril de 2025.

Introdução

Esse trabalho traz o diálogo intercultural crítico, entre três escritoras, pesquisadoras e professoras: Gennis Martins Timóteo que é do povo Guarani e desenvolve os temas de pesquisa sobre a sabedoria dos ciclos de vida das mulheres Guarani, ervas medicinais, pintura, memórias vivas (2020, 2024); Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi do povo Kaingang que pesquisa a história, cosmologia, 'mitologias' Kaingang, formação dos Kujá, relações dos guias espirituais/ especialista de cura, conhecimentos da mata, o ritual do Kiki Koj (2014, 2017, 2023) e Jéssica Lícia da Assumpção, pesquisadora dos temas: história, 'mitos'/história ancestral Guarani, memória, educação tradicional

Guarani, educação escolar indígena e formação de professores Guarani (2018, 2021).

O artigo apesar de sua forma final ser a escrita é uma construção feita a partir de diálogos e conversas, a oralidade que traz as experiências e os significados compartilhados através das memórias. A memória é viva, dialética, mas também mostra a ruptura com o passado através do esquecimento (Nora, 1993).

A oralidade está presente aqui através da metodologia de transcrição de nossas próprias falas, não tem como falar sobre as narrativas ancestrais sem que deixássemos em evidência a oralidade e a memória junto com referencial teórico sobre o tema. Ou seja, o artigo é construído através da oralidade, memória, imagens (arte) e a teoria. O que queremos também é desmistificar o termo "mitológico"² para

reafirmar o significado das histórias ancestrais dos povos indígenas, para que os não indígenas passem a compreender outras perspectivas e visões de mundo, além da imposta pela colonialidade/modernidade.

O grupo Modernidade/Colonialidade vem trazer essa renovação, uma releitura histórica da América Latina desde a década de 1990, ao propor uma nova epistemologia (Ballestrin, 2013), mas se pararmos para pensar os povos indígenas antes mesmo desse movimento e outros que existiram, já eram anticolonial, sempre foram contra o sistema colonial.

Entre os encontros e desencontros de cinco séculos de histórias, o que queremos dar destaque é a pluralidade de histórias e a interculturalidade no qual nos encontramos. Devemos pensar e analisar melhor sobre termos e conceitos que foram criados, e que não contemplam ou não dão conta de explicar o que realmente significa.

Narrativas ancestrais, memórias vivas: os significados indígenas para além do termo “mitológico”

A história do Brasil foi marcada pelo viés eurocêntrico, influenciado pelo processo de colonização, o que gerou o controle nas relações do poder, ser e saber. O colonialismo/colonialidade traz a hierarquização do poder que está pautada na questão de gênero, raça, sexo, subjetividade, epistemologias, num sentido universalizante, único e coloca a Europa como centro. Essa relação de poder vai trazer o dualismo, o binário e sistema de valores, no sentido de justificar e estabelecer aquilo que é racional ou mítico, científico e não científico, “civilizado” e “primitivo” (Pereira, 2018). Houve a violência, o desaparecimento de culturas, línguas e a invalidação das memórias, identidades e histórias. (Quijano, 2005).

As narrativas ocidentais estabeleceram na sociedade a imposição de imagens e conceitos pejorativos a todos aqueles que não eram considerados dentro da lógica colonialista, portanto muitas das memórias, tradições, histórias e línguas das populações indígenas foram invalidadas e houve a tentativa de apagamento. Muitas das relações de

preconceito e racismo estão presentes hoje na sociedade, e conforme Achinte (2018), as narrativas ocidentais ainda residem nos espaços sociais, escolares e dentro das nossas casas.

Por isso que tem que se ter um pensamento crítico e a compreensão de que a história está articulada aos projetos da classe dominante, temos que ir além da historiografia eurocêntrica, fazer uma desconstrução, trazer uma nova epistemologia, que dê visibilidade às histórias omitidas e silenciadas. Mas para isso requer um olhar e uma escrita mais sensível pensando nas narrativas, histórias, os sujeitos dialogando com a interculturalidade e a pluralidade. Sendo assim é importante pensar outras histórias e as formas educativas que não são hegemônicas, o que nos possibilita ter um conhecimento mais amplo sobre as diversidades culturais e educacionais existentes em nosso país.

No Brasil hoje são mais 1.693.535 pessoas indígenas³, são diversos povos e línguas espalhadas pelo país, uma diversidade e formas de ver o mundo diferente e histórias, que vão além do conceito de “mito” estabelecido e presente na nossa sociedade quando vamos falar algumas narrativas indígenas.

Os “mitos” perpassam a história e vida de diversos povos no mundo. Segundo Mircea Eliade, os estudiosos ocidentais ao escrever sobre o mito trouxeram concepções e termos que compreende essas histórias como “invenção”, “ficção”, “fábula”, mas para as sociedades autóctones, os povos indígenas o “mito” tem significado de histórias verdadeiras e que envolve o sagrado.

Essa relação entre o que é “histórias verdadeiras”, e do que é vista como “histórias falsas” que são os mitos, fábulas e contos, geram uma contradição e ao mesmo tempo uma oportunidade de se pensar as concepções nas quais a sociedade hoje se alicerça. Os mitos são histórias vivas, para os povos indígenas. Então faz se questionar, será que todos os povos têm a mesma concepção de história? O que para uns a compreensão de história está na direção conceitual de elementos específicos, tangíveis, científicos e o linear. Para os outros povos está na direção oposta, às narrativas têm significados que perpassam as palavras, se constituem na não linearidade, no invisível, no intangível, pois os elementos abrangem um campo simbólico muito mais rico de detalhes, que nos pode levar a tempos

antigos, o revisitar as histórias de grupos ancestrais, a partir do que é narrado e explicado. Portanto:

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio". Mas, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos. Ele é mortal porque algo aconteceu in illo tempore. Se esse algo não tivesse acontecido, o homem não seria mortal — teria continuado a existir indefinidamente, como as pedras; ou poderia mudar periodicamente de pele, como as serpentes, sendo capaz, portanto, de renovar sua vida, isto é, de recomeçá-la indefinidamente. Mas o mito da origem da morte conta o que aconteceu in illo tempore, e, ao relatar esse incidente, explica por que o homem é mortal. (Eliade, 1972, p. 13).

O "mito" conta uma história sagrada e relatam e narram períodos históricos, acontecimentos que envolvem a espiritualidade, a realidade, o cosmo e o comportamento humano. Os "mitos" descrever diversas informações fundamentais a visão de mundo e a cultura de uma sociedade. Portanto: "O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares." (Eliade, 1972, p. 9). Pois, a construção do ser humano é o reflexo dos eventos que impactam o seu povo, a sua família e que chegam até eles.

Os "mitos" têm os seus ensinamentos que compreende como o mundo se desenvolveu como o ser humano adquiriu conhecimento sobre a agricultura, as estações do ano, do que pode ser consumido ou não como alimento, quais as plantas curam tais enfermidades. A função do mito consiste no revelar e transmitir às atividades humanas que têm significados importantes que abrange a educação, a sabedoria, a arte, o relacionamento, o trabalho e narram o tempo mítico, a história sagrada

e o tempo histórico e conta com histórias de personagens humanos e não humanos que resultam nas ações que interagem com a história universal. As tradições mitológicas trazem o seu teor espiritual e ritualístico, e sua principal forma de transmissão de conhecimento é a oralidade para as sociedades indígenas. Mas na atualidade vem se trazendo a importância de que essas histórias sejam registradas a partir de textos escritos.

As histórias dos povos indígenas possuem suas particularidades, mas também complementaridade, o que demonstra o movimento e a transformação que a história é. A palavra "mitologia" é colocada mais para os não indígenas, pois estão familiarizados com o termo, o que nos faz enfatizar a desconstrução do termo para construir um novo "conceito" ou melhor, um novo significado como narrativas ancestrais e/ou histórias vivas.

A história de origem dos dois povos tem suas relações, como se fosse uma teia de aranha que interliga tudo, como um formato circular, em que tudo está conectado, como se fossem vários universos, vários mundos que são conectados. Mas, isso não é algo perceptível para os não indígenas, então é necessário que se lance um novo olhar sobre a questão, que se entenda os sentidos, as relações, o florescer das narrativas ancestrais.

Por mais que existam modificações nas histórias ao decorrer do tempo, os as narrativas ancestrais ou histórias vivas mantêm o seu estado primordial e que são histórias vivas que trazem um contexto histórico, social e religioso. Portanto, o conhecimento compreende o esoterismo e conhecimento religioso, mas nos ajuda a compreender a origem dos animais, das plantas, dos objetos, dos fatos que envolvem os seres humanos e sua habilidade adquirida ao se produz o fogo, ciclo das mulheres, o instruir seus filhos, netos e descendentes e de como a práticas aprendidas, vão contribuir para o desenvolvimento das futuras gerações. As narrativas ancestrais e/ou memórias vivas trazem os aspectos do tempo que abrange a uma perspectiva mais circular e que não segue uma cronologia histórica parada, as narrativas ligam o passado e o presente. O conhecimento ancestral é transmitido pelos sábios da comunidade durante a

vida toda, a partir dos rituais, arte, canto, dança, narrativas e memórias.

Existem várias versões sobre a mesma história que é diferente para cada povo, que possuem diferenças, mas que são complementares entre si. Segundo, Levy-Strauss (1978), os personagens/divindades representadas nas mitologias, estão presentes no continente americano, os irmãos sol e lua representam duas metades, com características distintas, mas que podem representar também o lado dual de uma única pessoa. Portanto, o intuito deste artigo é trazer as narrativas sobre os irmãos “mitológicos” Kuaray (Sol), Djatchy (Lua) contada pela autora e pesquisadora Guaran Gennis, moradora da Terra Indígena M’biguaçu, que fica no município de Biguaçu em Santa Catarina e da professora e pesquisadora Kaingang Adriana, da Terra Indígena Xapecó, Ipuçu- Santa Catarina, com a história de Kamê e Kanhrú.

Ambas histórias/narrativas estão interligadas com a relação entre o sol e lua, porém tem suas diferenças nas narrativas e nos significados culturais para cada um desses povos. O Sol e Lua, as representações dos irmãos mitológicos vão trazer a dualidade desses dois seres sagrados, que nas histórias são representados por seres masculinos, porém impactam também o mundo feminino, existem elementos das narrativas e na vida das mulheres indígenas. Sendo assim, indo além dos conceitos do colonialismo/modernidade, que vai trazer o pensamento fechado do binarismo, ou é isso, ou é aquilo. Mostra a inter-relação dos universos masculino e feminino, humano e não-humano, como um todo.

As narrativas ancestrais/ memórias vivas dos irmãos Kuaray (Sol), Djatchy (Lua) e a cosmologia feminina

Para os Guaraní os irmãos “mitológicos”, o Kuaray está associado a divindade solar e Djatchy ou Jacy⁴ a divindade da lunar, sendo que ambos são seres masculinos. O mito de Kuaray (Sol) e Djatchy (Lua) é a história de dois irmãos que levam o povo Guaraní a princípios de sua cultura. A história é complexa e longa e apresenta a periodicidade da

origem dos vegetais, dos animais e a composição das regras de convivência, ciclo de vida.

As normas de condutas são previstas nos mitos para orientar as práticas cotidianas, culturais que acompanham a vida e trajetória dos Guaraní desde a infância até a fase adulta, no qual a partir da prática do aprender e da observação do cotidiano remontam a história dos irmãos mitológicos Guaraní. A narrativa ancestral traz vários episódios que apresentam um propósito, uma conjuntura histórico-social.



Figura 1–Tela kuaray e Djatchy (Djóa py)

Fonte: Gennis Martins Timóteo

A tela Kuaray (Sol) e Djatchy (Lua) foi inspirada nos irmãos gêmeos, Kuaray também conhecido como Nhamandu e Djatchy, duas divindades sagradas que surgiram para criar os elementos deste planeta, a maioria das coisas que existem porque foram criadas por estas divindades. Na pintura da tela estão apresentados como dois seres sagrados. Kuaray o (sol sagrado) que está abraçando a cobra, que conforme a cultura Guaraní é um animal sagrado que traz consigo toda a sabedoria do mundo e o fogo sagrado responsável pela proteção dos seres humanos. A cobra é fogo e o sol também é feito deste elemento sagrado e puro, e ambos quase nunca se separam porque um precisa

do outro para conectar suas energias e emanar para todos os seres, sejam eles terrestres ou celestiais que vivem em outras terras, além desta terrena.

Djatchy (Lua) na tela se apresenta como irmão de Kuaray (Sol), Djatchy é o mais novo, que sempre está ao lado de Kuaray que também possui grandes influências sobre todos os elementos da terra e sobre a vida dos seres vivos. Na pintura os dois irmãos, se conectam diretamente com os Guarani através da conexão do Petyngué (cachimbo) que é um instrumento sagrado, utilizado pelos Guarani para conversar com as divindades das terras sagradas. Através da fumaça que sai do Petyngué pode se comunicar com todas as divindades, a fumaça leva até eles as preces e os pedidos, súplicas e também nossos agradecimentos pela vida e por tudo que desejamos agradecer.

Os dois irmãos são importantes para a vida Guarani aqui na terra, pois possuem grandes influências em todos os sentidos da vida e no Nhanderekó (modo de viver e ser Guarani) todos precisam deles para viver bem neste ciclo de vida que é curto aqui nesta terra. O Nhanderekó é o modo de vida, sistema de regras internas do povo Guarani e que envolve a relação com o território, o meio sociopolítico, a cosmologia e a comunidade/aldeia. (Martins; Moreira, 2018a).

Segundo, algumas narrações Guarani são duas divindades enviadas por Nhanderu (criador do mundo) e Nhandetchy (sagrada mãe) para construir as coisas boas na terra, estão presentes neste mundo desde a criação do mundo Guarani. Kuaray foi responsável por ajudar Nhanderu a criar cada pedacinho desta terra, cada folhinha de cada árvore. Dando muita vida e, luz, força e energia para cada planta e para cada ser vivo. E Djatchy é responsável pelas noites iluminadas, em cada fase sua ele transforma a terra, trazendo vitalidade a todos os seres, transmite energias positivas a cada gota de água dos rios e oceanos, até mesmo na vida dos seres humanos e não humanos.

Conforme o Nhanderekó Guarani em algumas narrações, estes dois seres iluminados e divinos são os seres responsáveis pela proteção da terra e de todos os seres vivos. E possuem grandes influências sobre nossas vidas e sobre o planeta e sobre cada fase das nossas vidas transformando o nosso ciclo de vida.

Kuaray é um ser divino que surgiu através da conexão de Nhandetchy e Nhanderu, é considerado uma divindade sagrada, responsável pela vida de todos os seres vivos, a divindade que traz vitalidade e muita energias, proporcionando o desenvolvimento do corpo da mente e do espírito tanto físico quanto espiritual dos seres. É ele que cuida da vida que traz forças para todos e o ciclo de vida aqui nesta terra, por este motivo que se agradece todos os dias a esta divindade. Os mais velhos, os anciãos costumam todos os dias levantar antes do raiar do dia para saudar Nhamandu ou Kuaray (sol). Reverenciamos este ser nas nossas casas de rezas com cantos e danças, por este motivo se canta.

Canto: Nhamandu Mirim (Pai Sol)

Nhamandu Mirim

Oguatá Mavy

Nhande Mopuã idjevy

Pawein djawya iavã

Quando o sol

vem caminhado pela terra sagrada,

ele nos levanta para

nos fazer felizes outra vez⁵

Conforme algumas narrações, Kuaray desceu na terra sozinho enviado por Nhanderu com a missão de criar iluminar a terra e trazer luz a escuridão que havia aqui, surgiu para criar tudo que tem na terra, plantas, animais, água, energias, céu e outros elementos existentes na terra, dando vida e colorindo tudo de um modo que tudo se tornasse belo e florido. Mas chegando à terra e se sentindo muito só e cansado criou Djatchy, mas não se tornou pai de Djatchy, mas sim seu irmão mais velho para que auxiliasse na criação das coisas na terra. O ser humano sendo a última criação de Kuaray tornou-se imperfeito devido sua teimosia em querer possuir mais poderes que Kuaray e Djatchy.

Mesmo o ser humano sendo imperfeito perante as outras criações desta divindade, Kuaray piedoso e divino até hoje protege todos os seres humanos e não humanos dos males de Anhá e de outros espíritos maus porque ele é responsável pela vitalidade de todos e pela segurança espiritual também. Assim, como seu irmão Djatchy, um sempre complementando o outro.

Em algumas narrações Guarani, Djatchy surge como um ser divino que criou a noite, Nhanderu seu pai pediu que os dois irmãos viessem à terra trazer energias para os seres vivos. Kuaray como é mais sábio que Djatchy e mais ágil veio primeiro trazendo luz e raios com puras energias, iluminando toda a terra e trazendo muita vitalidade e vigor a cada ser. Djatchy é conhecido como mais preguiçoso mais lento e mais dorminhoco para fazer as atividades que seu pai ordena. Por este motivo, quando Nhanderu pede que venham à terra ajudar os seres humanos, ele sempre chega mais tarde, depois que Kuaray faz suas atividades diárias e vai embora é que Djatchy chega com sua paciência, iluminando tudo. Mas tem vez que ele nem aparece no céu, por este motivo é que a noite fica escura, porque ele ainda não acordou e está dormindo.

É um ser que respeitamos que cuida da vida e do ciclo de vida das mulheres Guarani juntamente com Nhandetchy (sagrada mãe). Djatchy também influencia a vida das mulheres Guarani fisicamente e espiritualmente, por isso respeitamos. Mesmo em algumas narrações sendo considerado um ser masculino, tem grande influência sobre a vida das mulheres Guarani, porque também precisamos dos seres masculinos para equilibrar a vida e a tekóa (aldeia).

Djatchy é um termo utilizado para se referir quando a mulher Guarani está no período menstrual, é quando ele está influenciando em sangramentos menstruais, por isso dizemos que estamos na Lua, quando estamos neste período, porque é um momento de limpeza do interior do corpo, por este motivo devem ficar em repouso e não lidar com as plantas porque as impurezas do sangue enfraquecem as plantas e mata a sua raiz. Não podemos mexer com alimentos porque quem for comer pode ficar doente. Nem mesmo encostar-se a homens porque eles podem ficar doentes.

Djatchy (lua) tem grande influência também, na gravidez Guarani ou até mesmo de engravidar, pode nos avisar quando vamos engravidar ou enviar sinais. Por exemplo, é mandando sinais bem cedinho assim que antes de raiar o sol quando aparece no quintal da casa um tipo de mofo na qual chamamos de cocô da lua. Djatchy também influencia no parto dos bebês guarani, no período de gravidez quando uma mulher

está apta a parir, e, dependendo da fase da lua pode nascer bebe menina ou menino por este motivo nossas tchedjaryi (anciãs) já sabem o sexo do bebê, pelas fases da lua.

E quando entramos na menopausa e paramos de menstruar, dizemos que Djatchy (lua) que a lua não vem mais influenciar internamente os corpos das mulheres Guarani. Mas, vem de outros modos nos ajudarem. Ela não vem mais porque o útero não é mais fértil.

As plantações, roças e colheitas são feitas conforme a fase de Djatchy (lua), dependendo da lua que se planta, colhe, reza e realiza as cerimônias. Por este motivo este ser poderoso e divino sempre está por perto nos auxiliando em todo nosso ciclo, porque um céu sem lua às vezes se torna triste, não que a escuridão seja algo ruim, mas a escuridão também é sagrada e divina, foi através dela que surgiu o mundo Guarani e tudo que existe nele.

As narrativas ancestrais/ memória vivas da origem Kamē e Kanhru e a cosmologia feminina

Ao refletir em histórias ou narrativas indígenas, que destacam elementos do que se deu origem a algo, a uma população conhecida como povo Jê, povo Kaingang, carrega consigo as narrativas de suas memórias alimentadas pela oralidade do povo que possui a circularidade como complementaridade nesta grande sociedade indígena. A figura 2 representa o que compreendemos sobre a origem das marcas exogâmicas Kamē⁶ e Kanhru⁷, o surgimento das duas irmãs Kaingang que possuem sua complementaridade como o dia e a noite, como o sol e a lua.



Figura 2 – Desenho representando a história de origem do povo Kaingang com as marcas exogâmicas Kamê e Kanhru.

Fonte: Elaborado pela Kaingang Raiana Jacinto de Moura.

Antes de iniciar a narrativa de origem Kaingang, destaco a relação que possuímos com os animais, esta relação descende dos tempos antigos, tempo Gufã⁸. A narrativa surge quando a história dos animais do tempo dos animais chega à oralidade dos Kófas⁹, um deles que destaca a chegada das marcas e do povo Kaingang, é o tamanduá ou como alguns conhecem serelepe, ele e sua esposa, cantam e dançam a chegada de um novo ser em meio a mata, surgindo da mãe terra.

Os kamê estão vindo;
Os kanhru estão vindo;
Vamos esperar eles;
Para com eles dançar;
Os da marca cumprida;
Estão chegando;
Vamos esperar eles;
Para com eles dançar.
Kamê ag vỹ kãmũ;
Kanhru ag vỹ kãmũ;
Mũnỹ ag jãvãnh jẽ hamẽ;
Ëg tóg ag mrẽ vẽnhrén jẽ;
Rá téj ag vỹ kãmũ;
Rá ror ag vỹ kãmũ;
Mũnỹ ag jãvãnh jẽ kamẽ;
Ëg tóg ag mrẽ vẽnhrén jẽ.
(BIAZI e ERCIGO, 2014, p. 49).

Esta relação que os Kaingang possuem, vai desde a narrativa de origem do mundo dos animais, a qual ensinaram os Kaingang das marcas exogâmicas Kamê e Kanhru a falar, cantar e dançar. Neste espaço havia os Nẽn tãn, os donos da mata e de todas as coisas, ele já havia comentado com os animais sobre a vinda de dois novos seres, que mudaria toda a forma de organização deste mundo dos animais. Telêmaco Borba (1908) nos traz uma narrativa sobre a origem do povo Kaingang e das marcas que separam e que se complementam, mas o registro que se tem é sempre a origem de dois irmãos, e porque não se registrou a origem de duas irmãs, a força da mulher com esta relação com a mãe terra, o útero que gerou duas pessoas dentro da terra do alto de uma montanha ou monte de terra.

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergido toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra Crinjjimbé emergia das agoas. Os Caingangues, Cayurucrês e Camés nadavam em direção a ella levando na bocca achas de lenha incendiadas. Os Cayurucrês e Camés cançados, afogaram-se, suas almas foram morar no centro da serra. Os Caingangues e alguns poucos Curutons, alcançaram a custo o cume de Crinjjimbé, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das árvores, e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer, já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a à agoa que se retirava lentamente. Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxiliá-las, em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os Caingangues que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos de arvores, transformaram-se em macacos e os Curutons em bugios. As saracuras vieram com seo trabalho, do lado donde o sol nasce, por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os Caingangues se estabeleceram nas immediações de Crijijimbé. Os Cayurucrês e Camés, cujas almas tinham ido morar no cento da serra, principiaram a abrir caminho pello interior dela, depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas, pela aberta por Cayurucrẽ, brotou um lindo

arroio, e era toda plana e sem pedras, dahi vem eles conservado os pés pequenos outro tanto não aconteceu a Camé, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, eos seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a Cayurucré que consentio que a bebessem quanto necessitassem. Quando sahiram da serra mandaram os Curutons para trazer cestos e cabaças que tinham deixado em baixo, estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos Caingangues por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior à sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, Ming, e disseram a elles: - vão comer gente e caça; estás, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem, perguntaram de novo o que deviam fazer, Cayurucré, que já fazia outro animal disse-lhes gritando e com Mao modo; vão comer folha e ramos de arvore, desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão por que as antas só comem folhas, ramos de arvores e fructas. Cayurucré estava fazendo outro animal, faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga-; eis o motivo porque o tamandoá, Ioty é um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que Cayurucré fazia estes animaes, camé fazia outros para os combater, fez os leões americanos (mingcoxon), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluído este trabalho, marcharam a reunir-se aos Caingangues, viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, Cayurucré disse a um dos Camé, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e moressem; assim fez o de Camé, mas, dos tigres, uns cahiram a agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas, o de Camé quis atiral-o de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo

grande, e reuniram-se aos Caingangues e deliberaram cazar os moços e as moças. Cazaram primeiro os Cayurucrés com as filhas dos camés, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-se com as filhas dos Caingangues. Dahi vem que, Cayurucrés e Camés e Caingangues são parentes e amigos. (BORBA, 1908, p. 20-21).

O que proponho a refletir é sobre os registros de entrevistas realizados com os Kaingang, sendo que Telêmaco Borba teria mais acesso a informações sobre a cultura e tradição vivendo entre eles. Neste sentido, Juracilda Veiga, em entrevista destaca a sua proximidade com o grupo de mulheres Kaingang em pesquisas de campo, afirmando que seu companheiro Wilmar da Rocha D'Angelis, ficava no grupo onde havia homens, e as entrevistas que Juracilda realizou foi com as Kaingang sobre este universo espiritual, cultural e tradicional. O protagonismo das mulheres Kaingang está em todo este movimento que elas fazem, sendo mãe geradora de um novo ser, o corpo que conduz esta nova vida e que alimenta, tendo esta relação direta com a terra, onde enterram os umbigos de seus filhos, então a pergunta por que nas narrativas o papel da mulher que gera toda a sociedade indígena sendo das marcas Kamē e Kanhrú, vamos nos debruçar para entender a narrativa de origem a partir da fala e do protagonismo das mulheres guerreiras.



Figura 3 – Desenho representando a mulher da marca exogâmica Kamē e os elementos que a marca carrega

Fonte: Elaborado pela Kaingang Raiana Jacinto de Moura.

Desta forma, a narrativa que debruçamos é a partir da fala das mulheres indígenas, trazer a voz destas mulheres na origem do povo Kaingang. Referenciando aqui as documentárias mulheres araucária¹⁰, que tem por destaque as marcas e o protagonismo das mulheres araucárias, que descendem dela e que carregam em sua memória as narrativas que destacam a mulher como parte chave deste desenrolar de uma nova versão. A narrativa de origem de duas irmãs, conectadas com o elemento terra que as cercam recebendo toda a força necessária para poder sair debaixo da terra, quando seus corpos estivessem preparados o suficiente para conhecer este universo. Quando uma das irmãs decide sair da terra, ela tem muitas dificuldades e demora até encontrar a saída para o universo que estava sendo preparada espiritualmente pelos ancestrais quando dormia profundamente abraçada pela mãe terra.

Quando finalmente consegue, se depara com um clarão, estava lá o Rã (sol) com sua beleza radiante chegando há lugares mais distantes e iluminando todo aquele espaço, os animais naquele momento ouvem o barulho da saída da Kamē e vão ao seu encontro, dando boas vindas a bela mulher que chamaram de Kamē, em homenagem ao Rã (sol) e seus raios que chegam a lugares que somente sua luz alcança, por conta dos traços e elementos que

cada animal, planta, vegetal e os astro possuíam em formatos compridos e alongados, surgiu então as marcas como pinturas e grafismo corporais, características marcantes de cada ser vivo. Desceu até próximo da beira do rio e junto com os animais, aprendeu a falar, cantar, dançar e a sobreviver em meio à mata. (BIAZI, 2023)

Ao final da tarde, quando o sol se põe dando lugar para a Kysã (Lua), a irmã de Kamē se esforça para sair debaixo da terra, onde os ancestrais estavam preparando o seu corpo e espírito para este momento de conhecer este universo, diferente de sua irmã que saiu durante o dia, a noite não teve dificuldades para sair, os animais da noite ouviram o barulho em meio a mata, foram todos para ver o que era e viram uma mulher saindo do buraco da terra, os animais a receberam e a ensinaram a linguagem, caçar, coletar, dançar e cantar, chamaram a de Kanhru por conta de todo um contexto de características que a noite possui e os seres que fazem parte da noite. Kanhru e os animais desceram até a beira do rio, onde ouviram cânticos que vinham de um lugar onde estava claro, o fogo clareava tudo ao seu redor e os aproximavam com muita dança e alimentação que estava sendo preparada nas cinzas do nó de pinho. Kamē e Kanhru se encontraram nesta grande festa dos animais que dançavam e cantavam ao redor do fogo que os conectava novamente, assim como a mãe terra o fez com as duas irmãs.



Figura 4 – Desenho representando a mulher da marca exogâmica Kanhru e os elementos que a marca carrega.

Fonte: Elaborado pela Kaingang Raiana Jacinto de Moura.

Considerações finais

As histórias ancestrais e/ou memórias vivas possuem significados profundos para cada uma das culturas indígenas, e ao apresentar a história dos irmãos “mitológicos” Kuaray (Sol), Djatchy (Lua), Kamē e Kanhru pensamos trazer os elementos que constituem parte da subjetividade e identidade do Povo Guarani da Terra Indígena M’biguaçu e a do Povo Kaingang da Terra Indígena Xapecó. Ambas as representações do Sol e Lua estão interligadas com a criação desses dos povos, o que mostra as complementaridades, mas também as diferenças entre elas.

Na história dos Guarani eles interligam a criação das coisas na terra, a relação entre as personalidade, habilidade e influência que eles trazem para vida e ciclo dos seres vivos, fazem parte do sistema de vida Nhanderekó (Guarani) e traz a vitalidade, energia e conhecimento. Já na história de Kaingang contam a origem do seu povo e a origem das marcas exogâmicas Kamē e Kanhru, que vem representar os irmãos que vão dar origem aos dois

subgrupos Kaingang e que também são impactados pela influência do sol e da lua.

A complementariedade das histórias está nas formas com os animais, as plantas, estão interligadas a essas duas divindades Sol e Lua, de como os elementos masculino e feminino precisam um do outro para equilibrar e de como os ciclos de vida da mulher também estão interligadas nessas histórias.

Portanto, trouxemos esse dialogo entre as duas culturas, para que se tenha o conhecimento das narrativas e memórias, a fim de desmistificar também o conceito “mito”, que ainda nos dias de hoje está presente na nossa sociedade. Para os povos Guarani e Kaingang, as histórias ancestrais e memórias vivas precisam ser compreendidas na conjuntura histórico-social pelos não indígenas.

Notas

- 1 Os resumos e palavras-chave estão em português, inglês, Guarani e em Kaingang, sendo que o resumo em língua Kaingang teve a colaboração de Marlei Angélica Bento.
- 2 Quando nos referenciarmos ao conceito mito ou mitologias para desmistificar e desconstruir esta ideia que se tem centralizado no seu significado, iremos usar as palavras entre aspas, para marcar o texto e pautar na escrita de uma visão dos povos indígenas do Sul do Brasil, principalmente Guarani e Kaingang, fortalecendo este novo olhar pautado sobre o conceito e trazendo uma nova perspectiva utilizada por estes povos na oralidade e agora na escrita pelas autoras que compõe este trabalho.
- 3 Censo indígena (IBGE, 2022), ver mais em: <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/ibge-divulga-novos-dados-do-censo-indigena-de-2022>
- 4 Existem algumas variações de nome dependendo do subgrupo Guarani Nhandevá/Xiripa; Mbya e Kaiowá, o que muda a grafia Djatchy, para os Guarani Nhandeva e para os Mbya a grafia Jacy.
- 5 Outra tradução para o canto seria: Tradução: “O Pai sol sagrado quando se move para nos levantar ficamos todos alegres.” (MARTINS; MOREIRA, 2018b, p. 14)
- 6 Kamē: metade tribal Kaingang tem a pintura corporal em forma de um risco, retangular.
- 7 Kanhru: metade tribal Kaingang que tem a marca redonda em forma de um círculo.
- 8 Gufá significa algo antigo que está no tempo dos troncos velhos, como nos referimos aos nossos ancestrais, a história que é transmitida por muitas gerações e que fica

marcada por um determinado elemento que marca este ponto da narrativa.

9 Kófas se refere aquelas pessoas que possuem muito saber, que viveram e possuem muita experiência, são nossos velhos sábios.

10 Disponível em: (1) Mulheres Araucárias (legenda em inglês) - YouTube. Acesso em 24 de fevereiro de 2025.

Referências

ACHINTE, Adolfo Albán. **Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos.** In: WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.* Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

ASSUMPÇÃO, Jéssica Lícia da. **Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC:** Contribuições na formação de professores e para a educação escolar do povo Guarani da Terra Indígena M'biguaçu. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ASSUMPÇÃO, Jéssica Lícia da. **O ensino da história, dos mitos e das memórias do povo Guarani na Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá.** 2021. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.11, p. 89-117, 2013,

BLAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de. **A história Kaingang através do ritual do KIKI KOJ da Terra Indígena Xapocó/SC.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

BLAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapocó/SC.** 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BLAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de. **Os especialistas Kaingang e sua relação com o território tradicional envolvendo suas práticas de cura e de formação espiritual.** X Encontro Regional Sul de História Oral (UFPR), Curitiba, 2019. Anais do X Encontro Regional Sul de História Oral, 2019.

BLAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha De; ERCIGO, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapocó/SC.** 2014. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2014.

BLAZI, Adriana Aparecida Belino Padilha de; PADILHA, Jandaíra Belino. **Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang.** Cadernos Naui: **Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 199-221, 2021.

BORBA, Têlemaco. **Actualidade Indígena.** Typ e Lytog. A Vapor Impressora Paranaense. Paraná; Coritiba Brasil, 1908.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito.** (org). por Betty Sue Flowers. Título original: *The Power of Myth*, 1985 – 1986. EDITORA PALAS ATHENA, 1991.

CANDIDO, Pedro Rétón. In: VYJKÁG, Adão Sales et al. **éjgjaméñkýmú:** A função do pëj. Textos

Kanhgág. Brasília: Apbkg/dkaÁustria/Mec/pnud, p. 130-131, 1997.

CÂNDIDO, Sueli Krengre. **Histórias Kaingang**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

JUNQUEIRA, Carmen. **Mito e história**. In: SEKI, Lucy (org.). *Linguística indígena e educação na América Latina*. Campinas Ed. da Unicamp, 1993.

LEVY-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Perspectiva do homem, Lisboa; Edição 70, 1978.

LITAIFF, Aldo. Os filhos do sol: mitos e práticas dos índios Mbya: Guarani do litoral brasileiro. **Tellus**, v. 4, n.6, p. 15-30, 2004, .

MARTINS, Daniel Timóteo; MOREIRA, Adriana. **Irundy mborai miri'im**: Os quatro cantos sagrados. (Ação Saberes Indígenas na Escolas). Florianópolis: UFSC, 2018b.

MARTINS, Daniel Timóteo; MOREIRA, HYRAL (Orgs). **Os quatro cantos sagrados**: cartilha de aprendizagem de saberes tradicionais. (Ação Saberes Indígenas na Escolas). Florianópolis: UFSC, 2018a.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**. Proj. História. São Paulo, (10). dez. 1993 (Tradução de Yara Aun Khoury)

PEREIRA, Nilton Mullet. O que se faz em uma aula de História? Pensar sobre a colonialidade do tempo. **Revista Pedagógica**, v. 20, n. 45, p. 16-35. 2018.

QUIJANO, Anibal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Dossiê América Latina. Estudos Avançados**, v. 19, n. 55, p. 9-31, 2005.

TIMÓTEO, Gennis Martins. **Kunhague Arandu rekó, Ta'Água Re A'egui Nhembopara**: Sabedoria dos ciclos de vida das mulheres Guarani em pinturas e palavras. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

TIMÓTEO, Gennis Martins. **Moã Arandu Rekó**: A sabedoria das ervas medicinais como pintura e memória viva. 2024. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.